

# Limpeza atrasa e moradores reclamam

Só à tarde a Defesa Civil chegou para orientar moradores. Muitos comeram alimentos afetados pelo gás cloro

Ontem pela manhã, os moradores da QNN 6 de Ceilândia - onde aconteceu o vazamento de gás que matou uma pessoa e intoxicou outras dezenas - tinham duas preocupações principais, dois dias depois da tragédia: um era o enterro de Maria José Pereira - a mulher que morreu envenenada pelo gás cloro, oriundo de um cilindro cuja válvula foi aberta a marretadas pelo marido, o sucateiro Edivaldo Pereira. A outra era a limpeza das casas, onde paredes, móveis e até as roupas estavam impregnadas pelo gás.

O enterro foi realizado ontem, às 14h, no cemitério Campo da Esperança. Os vizinhos foram transportados para o sepultamento por um ônibus - cedido pela igreja Cruzada Cristã Pentecostal, freqüentada pela vítima.

Já a limpeza deu muito trabalho e apreensão. As oito casas mais próximas ao escapamento do gás foram isoladas pela Defesa Civil na quarta-feira, logo depois do acidente. Ainda se percebia o medo dos moradores que, até ontem pela manhã, estavam tendo que recorrer a amigos, vizinhos e parentes para poder comer,

pas emprestadas.

A indignação maior era com a Defesa Civil, por não ter dado qualquer tipo de orientação de como deviam proceder em relação à alimentação, água, roupas de uso pessoal que podiam ter ficado contaminadas pelo gás assassino - o gás cloro - como confirmou o resultado do laudo da Polícia Civil, divulgado ontem.

Dulce de Souza Cunha, vizinha e amiga de Maria José Pereira, a única vítima fatal do acidente, estava irritada ontem com o que chamou de "descaso das autoridades". "Minha família se dividiu. Eu e meu marido fomos dormir na casa de amigos em Ceilândia Sul e meus filhos passaram a noite aqui na quadra, em casas dos vizinhos". Dulce contou

que para almoçar também está contando com os moradores que não tiveram suas residências isoladas.

Para tentar amenizar os efeitos do gás que tomou conta da quadra, alguns moradores resolveram começar o mutirão de limpeza por conta própria, sem esperar pelas explicações da Defesa Civil. "Não dá para ficar esperando.

A vida precisa voltar ao normal e, se depender desse pessoal, só depois que acontecer alguma coisa grave, como outra intoxicação por manuseio de objetos contaminados, é que eles vão se lembrar que a nossa vida precisa continuar", observou Dulce.

LÚCIA LEAL

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

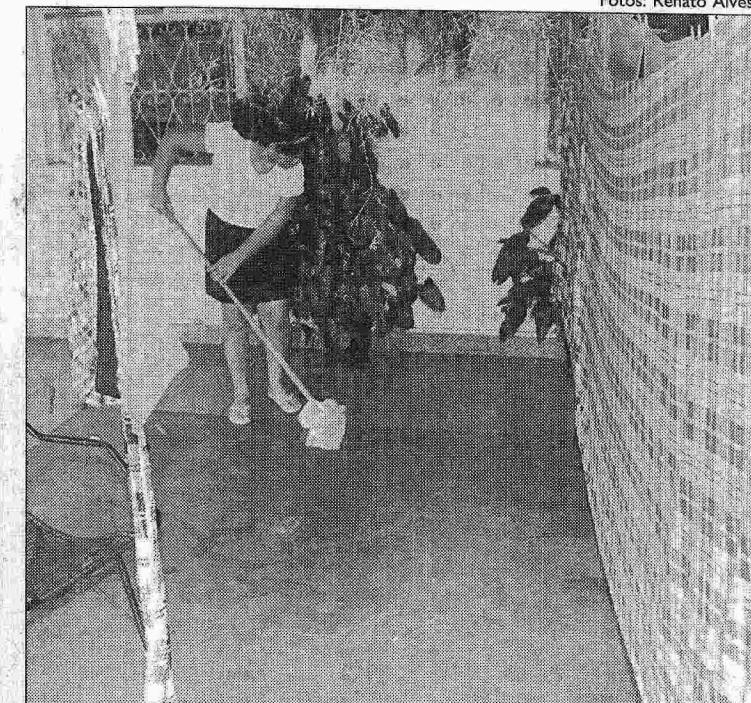


Numa cova simples, Maria José Pereira foi enterrada ontem no Campo da Esperança

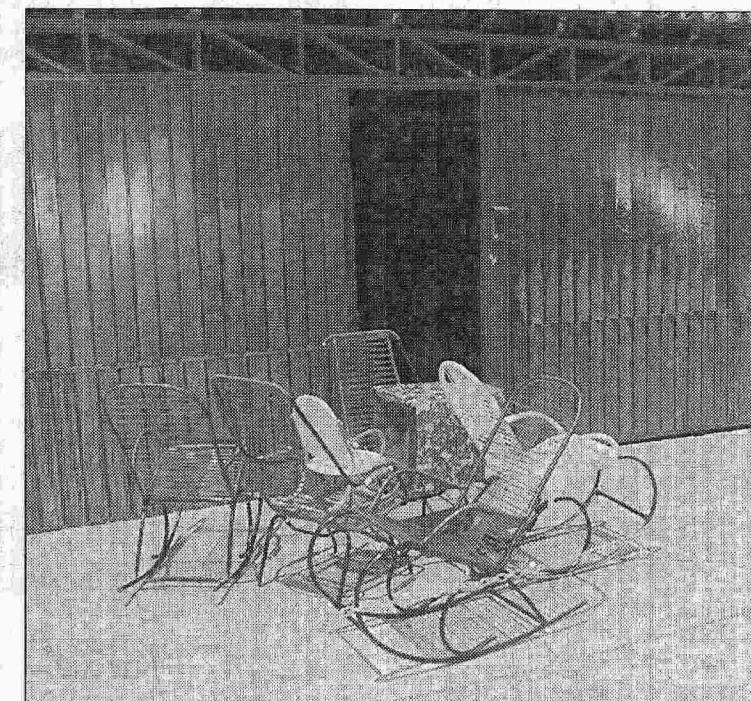


A filha, também Maria, chora

dormir e tomar banho. Impedidas de entrar nas respectivas residências, os moradores estavam até usando rou-



A complicada operação de limpeza ocupou todo o dia



Móveis, tapetes e almofadas foram colocados na rua

Fotos: Renato Alves